

## Entre o dizer e o fazer: performances discursivas na construção do pertencimento ao Grupo de Prática Exploratória

Between saying and doing: discursive performances in the construction of belonging to the Exploratory Practice Group

Emanuelle de Souza Fonseca Souza<sup>1</sup>  
Renan Silva da Piedade<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa os modos pelos quais uma professora-pesquisadora, aqui chamada Clara, se constrói discursivamente a partir de sua participação no Grupo de Prática Exploratória e investiga como se configura seu pertencimento a esse espaço formativo. Além disso, discute o potencial da Prática Exploratória como proposta sustentável de formação contínua de professores, destacando seu papel na promoção da reflexão crítica, da escuta sensível e da colaboração docente. O estudo fundamenta-se na Linguística Aplicada Crítica (Fabrício, 2006) e na concepção de discurso como ação situada e performativa (Melo; Rocha, 2015), articulando-se também aos estudos da Prática Exploratória e da formação docente crítica (Miller et al., 2008; 2013). A pesquisa adota uma abordagem qualitativa interpretativista (Denzin; Lincoln, 2006), com dados gerados por meio de conversas exploratórias (Dias et al., 2021), consideradas formas éticas e afetivas de escuta e construção de sentido. Os resultados sugerem que a linguagem, em sua dimensão performativa, possibilita a negociação de sentidos sobre ser e fazer pesquisa, promovendo reflexões críticas sobre temáticas como colaboração docente e inclusão. Conclui-se que a Prática Exploratória constitui um espaço sustentável de desenvolvimento profissional, no qual a linguagem contribui para a construção de saberes e identidades docentes.

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada Crítica. Prática Exploratória. Linguagem como performance. Formação de professores crítica. Sustentabilidade.

**Abstract:** This article analyzes how a teacher-researcher, here referred to as Clara, discursively constructs herself through her participation in the Exploratory Practice Group and investigates how her sense of belonging to this formative space is configured. Additionally, it discusses the potential of Exploratory Practice as a sustainable approach to the continuing education of teachers, highlighting its role in fostering critical reflection, sensitive listening and collaborative engagement among educators. The study is grounded in Critical Applied Linguistics (Fabrício, 2006) and in the concept of discourse as situated and performative action (Melo; Rocha, 2015), while also drawing on research in Exploratory Practice and in critical teacher education (Miller et al., 2008; 2013). The research adopts a qualitative interpretivist approach (Denzin; Lincoln, 2006), with data generated through exploratory conversations (Dias et al., 2021), considered ethical and affective forms of listening and of shared meaning-making. The findings suggest that language, in its performative dimension, enables the negotiation of meanings around being and doing research, promoting critical reflections on topics such as teaching collaboration and inclusion. It was understood that Exploratory Practice constitutes a sustainable space for professional development, where language plays a central role in the construction of knowledge and fluid teacher identities.

---

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Educação de Maricá, Maricá, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [emanuellefonseca@gmail.com](mailto:emanuellefonseca@gmail.com).

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras e Artes da Cena, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [renan.piedade@puc-rio.br](mailto:renan.piedade@puc-rio.br).

**Keywords:** Critical Applied Linguistics. Exploratory Practice. Language as performance. Critical teacher education. Sustainability.

## Introdução

Em 2023, foi lançado o livro *Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar*, em homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes, um dos precursores dessa área em seu viés contemporâneo no Brasil. Conforme pensam Fabrício e Borba (2023, p. 11), marcada por criticidade e transgressões de fronteiras disciplinares, a obra em questão busca propiciar “uma incessante problematização do campo e da sua relevância social”, em um movimento de dar destaque a “sua agenda socialmente engajada de pesquisa e à produção de conhecimento responsável às lutas por inclusão e igualdade de direitos. Com propósitos disruptivos similares, nesse mesmo ano, tivemos o 24º Evento Anual do Grupo de Prática Exploratória, intitulado *Tempo Rei: transformando as formas de aprender*, no qual contamos com oficinas, rodas de conversa, apresentação de pôsteres, entre outras dinâmicas dispostas a, como tem dito nossa professora-pesquisadora-pioneira da área Inés Kayon de Miller, “[tornar] vitais questões como o cuidado, o respeito, a inclusão, a responsabilidade e a metarreflexão constante sobre as experiências de [trans]formação [docente]” (Miller, 2013, p. 103).

Sendo a Prática Exploratória uma forma ética de ser/estar em sala de aula e em outros contextos sociais, interessada em criar inteligibilidades sobre as mais diversas questões que nos atravessam enquanto construímos saberes coletivamente (Dias et al., 2021), ao passo que a Linguística Aplicada Contemporânea (LAC)<sup>3</sup> investe na possibilidade de “compreender nossos tempos e de abrir espaços para visões alternativas ou para ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias (Moita Lopes, 2006, p. 23), temos um ponto a destacar. Considerando “ser a PE<sup>4</sup> uma das abordagens que surgiram dentro da LA<sup>5</sup> para buscar entendimentos sobre a vida em um mundo cada vez mais complexo” (Nunes, 2017, p. 48), juntas, elas se fincam na fluidez dos nossos tempos, na criticidade lançada sobre os contextos estudados, na consciência de que uma investigação é um empreendimento que se dá na coletividade, na preocupação com a alteridade, na responsabilidade pelas/com as vidas inseridas no processo de pesquisa, entre outros muitos pressupostos da mesma natureza.

Por nos considerarmos linguistas aplicados críticos e praticantes exploratórios há pelo menos 12 anos — tendo processual e conscientemente lido/escrito/vivido (sobre) esses

---

<sup>3</sup> Neste artigo, utilizamos os termos Linguística Aplicada Contemporânea e Linguística Aplicada Crítica como intercambiáveis.

<sup>4</sup> Embora o autor referenciado utilize a abreviação “PE” para se referir à Prática Exploratória, optamos, neste artigo, por não abreviar o termo. Essa escolha reflete nosso reconhecimento da densidade ética, formativa e afetiva que compõe essa postura investigativa. Justamente por isso, consideramos fundamental manter visível sua nomeação integral.

<sup>5</sup> Ainda que o autor utilize nessa passagem a sigla LA, mais comumente associada à Linguística Aplicada, ele se refere à perspectiva contemporânea, isto é, à LAC.

saberes (auto)reflexivos durante nossas graduações, estágios supervisionados, mestrados, doutorados e imersões profissionais dentro e fora da sala de aula —, pensamos que este artigo é um espaço oportuno para expandirmos e problematizarmos nossas inquietações e elucubrações sobre uma temática que tanto nos move como docentes inseridos na educação básica e no ensino superior: as experiências do profissional da Educação. Sendo assim, com base nas vivências de Clara<sup>6</sup>, nossa colaboradora de pesquisa, temos dois objetivos: (i) analisar como ela se constrói discursivamente enquanto professora-pesquisadora e como se configura seu pertencimento ao Grupo de Prática Exploratória; (ii) discutir o potencial da Prática Exploratória como um caminho sustentável para a formação contínua de professores, destacando seu papel na promoção da reflexão crítica e da colaboração no desenvolvimento profissional docente.

Clara é professora de inglês e participa do Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro desde o início de sua formação docente. Ela é doutora em Estudos Linguísticos e atualmente reside e trabalha na Alemanha como professora. Em 2020, foi convidada a participar desta pesquisa por seu engajamento afetivo, ético e epistêmico com o grupo, do qual faz parte desde sua fundação, por volta de 1997. Os dados analisados que apresentaremos mais adiante, vale dizer, são parte da tese<sup>7</sup> da primeira autora deste artigo e foram gerados por meio de conversas exploratórias (Dias *et al.*, 2021), conforme detalhado na seção metodológica. Essas interações, centradas na escuta sensível e na busca conjunta por entendimentos, configuram-se como espaços formativos nos quais a linguagem performa relações, saberes e modos de ser professora-pesquisadora.

Para construirmos essa proposta investigativa, após esta breve introdução, falaremos sobre a LAC e a Prática Exploratória, tendo em conta o olhar que lançam para a formação docente, e apresentaremos o Grupo de Prática Exploratória, seus princípios, bem como a ideia de sustentabilidade. Além disso, mencionaremos a noção de linguagem/discurso com a qual nos alinharmos. Na sequência, abordaremos a perspectiva qualitativa-interpretativista de pesquisa e traremos informações contextuais relevantes para que se entenda o processo de geração, transcrição e análise dos dados. Em seguida, refletiremos sobre os dados em si e, por fim, faremos considerações parciais a partir dos dois objetivos elencados.

Direcionando nossa sensibilidade investigativa sob uma perspectiva não-monolítica de fazer ciência, reconhecendo a implicação inevitável do pesquisador com o processo de produção do conhecimento e focando em práticas alteritárias nas conjunturas de significação

---

<sup>6</sup> Nome fictício.

<sup>7</sup> Em relação aos aspectos éticos da pesquisa, informamos que este estudo está de acordo com a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Em respeito aos participantes de pesquisas científicas envolvendo seres humanos e no compromisso ético, elemento essencial para o progresso científico e tecnológico, destacamos que o projeto de pesquisa coordenado pela primeira autora, ao qual este artigo se vincula, possui parecer da Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

discursiva sobre as quais nos debruçamos, passemos, então, aos próximos passos deste estudo.

### **Linguística Aplicada Crítica e Prática Exploratória: olhar para a formação docente**

Para discutir a construção discursiva de Clara enquanto professora-pesquisadora e seu pertencimento ao Grupo de Prática Exploratória, consideramos fundamental apresentar as lentes teóricas que orientam esta análise e nosso fazer pedagógico como autores deste artigo e como professores-pesquisadores. Nesse sentido, tanto a Prática Exploratória quanto a LAC oferecem uma base sólida para compreendermos as dinâmicas de formação docente em contextos colaborativos e reflexivos. Ambas as abordagens compartilham o compromisso com um ato de pesquisar que valoriza a investigação situada e o diálogo como princípios para o desenvolvimento profissional contínuo. Ademais, ambas partem de uma aproximação com as experiências reais de vida, o que Fabrício e Borba (2023, p. 42) chamam “de experiências de sentido *in vitro*<sup>8</sup> e se constituem como um “amálgama epistêmico” (Pennycook, 2023, p. 49), ao integrarem múltiplas formas de pensar e compreender o mundo, sem se restringirem a uma única perspectiva.

Embora com origens e trajetórias distintas<sup>9</sup>, a Prática Exploratória e a LAC compartilham princípios fundamentais que as tornam complementares quando pensamos em processos de formação profissional crítica e colaborativa, sobretudo no contexto do professor-pesquisador. Ao propor a investigação em sala de aula e também em múltiplos outros âmbitos sociais — como os cenários de movimentos sociais humanistas (Moura, 2007), de migração do Ceará para o Rio de Janeiro (Martins, 2021), de estigmas e preconceitos direcionados a mulheres *pole dancers* (Alves, 2021), de formação acadêmica/profissional em grupos de pesquisa (Souza, 2023), de adoção inter-racial de crianças mais velhas e de adolescentes (Passos, 2024), entre outros —, a Prática Exploratória, como uma forma de compreensão conjunta entre os participantes, prioriza a busca de entendimentos, o diálogo, a reflexão e a construção coletiva de sentidos sobre a vida em diferentes contextos sociais envoltos em dinâmicas de ensino/aprendizagem. Por sua vez, a LAC, igualmente disposta a investigar reflexivamente diferentes domínios da vida em sociedade, ao adotar uma postura questionadora frente às relações de poder, às ideologias e às práticas construídas/produzidas na linguagem em uso, oferece uma perspectiva crítica que instiga os envolvidos a problematizarem suas ações e os contextos em que atuam.

Acreditamos que tanto a Prática Exploratória quanto a LAC compartilham de uma “orientação explícita para o desenvolvimento de uma agenda política, de uma agenda

---

<sup>8</sup> Grifo dos autores.

<sup>9</sup> Por questões de tempo e espaço, não pretendemos trazer pormenores relacionados às origens e às trajetórias dessas formas de ser/estar e de fazer pesquisa. Para mais informações, indicamos a pesquisa de Ewald (2015) sobre a Prática Exploratória e o estudo de Moita Lopes (2009) sobre a LAC.

transformadora/intervencionista e de uma agenda ética”, devido às “práticas discursivas [que] envolvem escolhas que têm impactos diferenciados no mundo social e nele interferem de formas variadas (Fabrício, 2006, p. 49). Entendemos que o *ethos* dessas áreas esteja em um movimento amplo de “‘trabalh[ar] para entender’ as questões relevantes para os agentes” (Miller, 2012, p. 325). A LAC, com uma proposta indisciplinar, e a Prática Exploratória, com uma orientação híbrida-reflexiva-crítica, se engajam, portanto, em um compromisso “para a construção do presente e de futuros sociais possíveis, menos aprisionadores e mais comprometidos com a transformação de situações de exclusão social em diversas áreas, causadoras de sofrimento humano” (Fabrício, 2006, p. 52).

Dessa forma, ao aproximarmos a Linguística Aplicada Crítica da Prática Exploratória, afirmamos um olhar para a formação docente que reconhece a linguagem como prática social e constitutiva de subjetividades, relações e modos de agir no mundo (Moita Lopes, 2002). Esse olhar nos permite compreender como professores-pesquisadores — como nós e Clara, por exemplo — constroem sentidos sobre suas trajetórias, suas práticas e seus pertencimentos a espaços formativos colaborativos. É nesse entrecruzamento de vozes, experiências e discursos que buscamos investigar a coconstrução de si e do outro na prática educativa, reconhecendo a formação docente como um processo contínuo, situado e atravessado por escolhas éticas e políticas.

Diante disso, enfatizamos que a formação docente que defendemos neste trabalho se distancia de modelos prescritivos e tecnicistas, que reduzem o professor a um mero aplicador de métodos ou transmissor de conteúdos. Inspirados por uma perspectiva crítica e situada (Freire, 2015; Tardif, 2018), a compreendemos como um processo contínuo, dialógico e repleto de experiências vividas, saberes construídos na prática e relações éticas com os outros. Trata-se de uma concepção que reconhece o professor como sujeito ativo, capaz de refletir criticamente sobre seu fazer, suas condições de trabalho e os discursos que permeiam sua atuação. Como afirma Miller (2013), formar-se é também um ato de metarreflexão sobre si e sobre o mundo, em que o professor é chamado a tomar parte na construção de significados e a sustentar sua prática com responsabilidade ética e afetiva. Nessa direção, pensar a formação docente é também pensar os modos como os sujeitos se constituem na linguagem, em suas comunidades e em práticas de escuta e colaboração. É nesse horizonte que articulamos a Linguística Aplicada Crítica e a Prática Exploratória como perspectivas formativas comprometidas com a (trans)formação política e afetiva na/da docência.

Assim, com a tríade LAC/Prática Exploratória/Formação de Professores Crítica, reconhecemos que são abordagens que oferecem subsídios potentes para repensar os modos de ser, agir e formar-se na docência. Dizemos isso com base em Miller (2013, p. 108), pois “é no horizonte da pesquisa e da reflexão profissional, quando o foco está na geração de oportunidades para aprofundar os entendimentos, que os professores vivenciam processos

de ‘desenvolvimento’ profissional”. Dessa forma, a formação docente não é concebida como um acúmulo de saberes pré-estabelecidos, mas como um processo em constante (re)construção, pautado no engajamento crítico com a realidade e na escuta sensível das experiências vividas. Dada a já referida diversidade de contextos investigativos, pensamos que, se a Prática Exploratória, ao valorizar o diálogo e a compreensão compartilhada, convida professores, ativistas, migrantes, *pole dancers*, pesquisadores a olharem para sua prática com curiosidade genuína, e a LAC os instiga a desnaturalizar discursos e problematizar os contextos que moldam suas ações, ousamos dizer que Prática Exploratória é Linguística Aplicada. Juntas, essas perspectivas se fundamentam no compromisso com a “construção do conhecimento e da interação interpessoal em contextos culturais situados”, havendo, assim, “um deslocamento das práticas de formação para questões emergentes [...] de afeto, de agentividade, de transformação social e ética” (Miller, 2013, p. 121).

Ainda, segundo a autora, é preciso pensarmos em uma formação de “professores conscientes dessa complexidade” (Miller, 2013, p. 121), coconstruindo entendimentos sobre o desenvolvimento profissional docente, evidenciando que formar-se professor é também tornar-se um pesquisador político, ético e socialmente comprometido. Assim, ao analisarmos a trajetória de Clara, compreendemos sua constituição enquanto professora-pesquisadora como reflexo de um processo formativo plural, situado e atravessado pelas práticas discursivas que ela coconstrói em espaços colaborativos como o Grupo de Prática Exploratória.

### **O Grupo de Prática Exploratória, seus princípios e a sustentabilidade como ética do cuidado**

O Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro, criado por volta de 1997 e ativo há quase três décadas, constitui-se como um espaço singular de formação contínua, colaboração e escuta sensível entre professores-pesquisadores e alunos de diferentes níveis de ensino e atuação. Inspirado originalmente na proposta de Allwright (2003, 2005) e reelaborado a partir das vivências brasileiras (Miller *et al.*, 2008), o grupo se fundamenta na busca por entendimentos locais e compartilhados sobre a prática pedagógica, priorizando a qualidade de vida no trabalho docente. Nossas reuniões acontecem a cada quinze dias, de forma online<sup>10</sup>, estruturadas em trocas colaborativas, marcadas pela horizontalidade, pela valorização das experiências de vida e pela integração entre pesquisa, ensino e afetividade. Ao longo dos anos, a permanência de seus participantes — muitos dos quais retornam ou permanecem por longos períodos — evidencia sua relevância epistemológica e sua

---

<sup>10</sup> A partir de março de 2020, as reuniões do grupo passaram do formato presencial para encontros online, devido à Pandemia de COVID-19 que assolou o mundo nos últimos anos.

sustentabilidade afetiva e ética, construída na convivência, no pertencimento e no compromisso com uma formação que se faz com o outro.

A Prática Exploratória, concebida como uma forma de ser e estar no mundo (Ewald, 2015), é sustentada por princípios que orientam tanto a prática pedagógica quanto a pesquisa em sala de aula e em outros contextos sociais de ensino/aprendizagem. Esses princípios, orgânicos e dinâmicos, foram elaborados a partir da experiência de professores e alunos envolvidos em projetos colaborativos no contexto brasileiro, especialmente no Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro (Miller *et al.*, 2008). Embora, sejam sempre apresentados como uma lista, eles não funcionam como regras rígidas, mas como valores que orientam uma postura ética e afetiva, promovendo possibilidades de gerar entendimentos entre os participantes e favorecendo o desenvolvimento de uma postura investigativa compartilhada. De acordo com Moraes Bezerra e Miller (2006, p. 261), são eles:

- Priorizar a qualidade de vida vivenciada no grupo de reflexão.
- Trabalhar para entender a vida neste grupo.
- Envolver todos os participantes das sessões neste trabalho.
- Trabalhar para a união de todos os participantes do grupo.
- Trabalhar para o desenvolvimento mútuo.
- A fim de evitar que o trabalho esgote os seus participantes, integrar o trabalho para o entendimento com a reflexão feita pelo grupo.
- Fazer com que o trabalho para o entendimento e a integração seja contínuo dentro do grupo e não uma atividade dentro de um projeto.

Dentre os princípios, destacamos em particular o último da lista acima, o que explicita o compromisso da Prática Exploratória com uma ética da permanência e do vínculo. Além disso, o entendemos como uma forma de resistir à lógica da produtividade fragmentada que muitas vezes permeia o fazer acadêmico e o trabalho pedagógico baseado em projetos pontuais — com início, meio e fim — que não favorecem a construção duradoura de relações, afetos e reflexões. Vale mencionar que os princípios não operam de forma isolada, ao contrário, atuam de maneira interdependente, reforçando a construção de ambientes formativos pautados na escuta, no respeito, na horizontalidade e na valorização dos saberes locais (Grupo de Prática Exploratória, 2020). Consideramos o fazer exploratório, baseado nos princípios, como uma prática que se sustenta na reciprocidade das relações humanas e na crença de que ensinar, aprender e pesquisar são dimensões inseparáveis da experiência docente.

Ao promoverem espaços de reflexão coletiva, escuta ativa e acolhimento da diferença, os princípios da Prática Exploratória são como estratégias de sustentação ético-política da formação docente. A proposta de um “trabalho para o entendimento” que é contínuo (último princípio) perpassa todos os outros princípios ao reforçar a necessidade de um espaço formativo que cuide das relações tanto quanto dos conteúdos. Como afirma o Grupo da

Prática Exploratória (2020, p. 79), “é nessa disponibilidade para ouvir, flexibilizar e envolver todos que a própria continuidade do trabalho e das relações se constrói também”. Assim, entendemos que a sustentabilidade, na perspectiva da Prática Exploratória, emerge do compromisso com a vida vivida em comum, com os afetos que nos atravessam e com a ética de uma escuta que sustenta — e é sustentada por — relações formativas (Souza, 2023).

Sendo assim, alinhamo-nos a uma noção expandida de sustentabilidade, não atrelada exclusivamente à ideia de permanência temporal ou de resistência a sistemas institucionais, mas relacionada à ética do cuidado (hooks, 2020; Boff, 2016; Freire, 2015). Em outras palavras, nos referimos a uma sustentabilidade construída nos encontros, nos afetos, nas escolhas ético-políticas e na convivência com o outro. Inspirados na proposta de Boff (2016), pensamos sustentabilidade como um gesto de interdependência, um modo de sustentar e ser sustentado pelas relações que cultivamos e que nos cultivam. Nesse sentido, o cuidado não se configura como um ato passivo ou assistencialista, mas um movimento político e pedagógico que pressupõe escuta, responsabilidade e compromisso com a coletividade (Souza, 2023).

Ao acompanharmos a trajetória de Clara no Grupo da Prática Exploratória, observamos como sua constituição como professora-pesquisadora se dá por meio de uma rede de relações que a sustenta e que, por ela, também é sustentada. Seus vínculos com outras participantes, como Bela e Maria, sua adesão aos princípios do grupo e sua forma afetiva de narrar experiências revelam um pertencimento que não se dá por mera frequência ou tempo de grupo, mas por engajamento ético, afetivo e epistêmico com a coletividade. A sustentabilidade, aqui, se expressa no modo como Clara escolhe se implicar com os outros, compartilhar vulnerabilidades, reconhecer os saberes da experiência e legitimar modos plurais de ser (professora) e de pesquisar. Consideramos, então, que a sustentabilidade na formação docente se alinha à ideia de Freire (2015, p. 27) de que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” e ao pensamento de hooks (2020, p. 29) ao nos dizer que “ensinar é um ato profundamente enraizado no compromisso com o bem-estar coletivo”. Sustentar-se, nesse caso, é também sustentar o outro, em sua diferença, em sua potência, em seus processos inacabados. Como nos lembra Miller (2013, p. 103), “é preciso pensar em uma formação em que o cuidado, o respeito, a inclusão, a responsabilidade e a metarreflexão [sejam posturas inegociáveis]”. Nesse movimento, compreendemos a Prática Exploratória como uma proposta formativa que se faz sustentável porque se faz com o outro, sendo este outro sempre singular, múltiplo e digno de escuta.

Compreender a formação do professor-pesquisador como um processo discursivo, sustentável, situado e ético nos convida a olhar com atenção para os modos como os sujeitos se constroem na linguagem. Dito isso, na sequência, apresentamos como a entendemos neste artigo, considerando as noções de discurso e performance, utilizadas para compreender

como Clara utiliza os recursos linguístico-discursivos para se constituir como professora-pesquisadora e para expressar seu pertencimento ao Grupo de Prática Exploratória.

### **Discurso e performance**

Nesta pesquisa, entendemos a linguagem como prática social e constitutiva de sujeitos, em consonância com a perspectiva contemporânea e crítica da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006). Segundo Melo e Rocha (2015), o discurso não deve ser visto como forma de representação do mundo, mas como ação situada, atravessada por relações de poder, afetos e ideologias. Essa concepção desloca a linguagem do campo da neutralidade e a repositiona como elemento central na produção de sentidos, afinal, “linguagem é ação” (Melo; Junior, 2021, p. 417). Sendo assim, a performance é entendida como o modo pelo qual os sujeitos se posicionam e são posicionados, (re)atualizando discursos e agindo no mundo ao fazerem uso da linguagem. Segundo Melo e Rocha (2015), essa visão performativa possibilita uma compreensão importante sobre os modos pelos quais os participantes se constroem na linguagem, ao mesmo tempo em que constroem os contextos em que estão inseridos.

A noção de linguagem performativa tem como embrião os estudos dos atos de fala, pensados por Austin (1962), que distinguiu os níveis locutório (ato de enunciar algo com estrutura gramatical e sentido literal), ilocutório (intenção comunicativa por trás do que se diz, como afirmar, ordenar, prometer) e perlocutório (efeitos que o enunciado provoca no interlocutor, como convencer, assustar, emocionar), produzindo um impacto considerável nos estudos da linguagem. No entanto, essa visão foi posteriormente ampliada por Derrida (1991), ao apontar que Austin não considerou elementos fundamentais como a possibilidade de repetição (iterabilidade) e a reinscrição em diferentes situações (citacionalidade). Para Derrida, o que confere eficácia a um ato de fala não se limita ao contexto imediato (quem fala, quando e onde), mas está relacionado à sua possibilidade de repetição e reinscrição em diferentes situações, produzindo novos efeitos de sentido. Como complementa Lewis (2016), é preciso que esse ato seja reconhecido como parte de um ritual social, como ocorre em eventos como casamentos, batismos, audiências ou aulas, para que sua força performativa se realize plenamente.

Após analisar criticamente com o performativo austíniano, Butler (1997) oferece contribuições fundamentais ao afirmar que as palavras não são instrumentos para realizar ações: elas são as próprias ações. Nesse sentido, a linguagem é entendida como prática social que produz efeitos, afeta pessoas e interfere na realidade. A partir dessa abordagem, a autora propõe uma visão de linguagem que age no mundo e que, por isso, carrega consigo responsabilidade ética. Como destacam Melo e Rocha (2015, p. 103), a proposta de Butler oferece ferramentas teóricas potentes para pensarmos sobre os “modos de naturalização de certas compreensões sobre a vida social e de como podemos agir com nossos discursos na

tentativa de produzir um mundo onde vidas humanas não sejam hierarquizadas”, o que de certa forma justifica nossa escolha pela LAC e pela Prática Exploratória em seus pressupostos ligados à justiça social e ao bem-estar de todos.

Desse modo, corroboramos a premissa de que linguagem e ação não podem ser dissociadas, pois para Butler (1997, p. 8),

Fazemos coisas com a linguagem, produzimos efeitos com a linguagem, e fazemos coisas à linguagem, mas a linguagem também é aquilo o que fazemos. Linguagem é um nome para o nosso agir: tanto o ‘quê’ fazemos (o nome para a ação que characteristicamente performamos) quanto o que afetamos, o ato e suas consequências.

Partindo dessa perspectiva de linguagem é que propomos analisar o discurso de Clara, professora de inglês e participante do Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro, quanto ao seu pertencimento e a sua formação como professora-pesquisadora. Ao compartilhar suas vivências e percepções, Clara não apenas expressa suas emoções, crenças e histórias, mas também nos convida a repensar nossas próprias práticas e formações. Compreendemos que os discursos dela performam experiências de formação, produzindo efeitos e posicionamentos. Ao nos contar sua trajetória como pesquisadora, seus vínculos e modos de participação, podemos refletir sobre os modos de ser professora-pesquisadora em práticas de formação contínua que se sustentam no diálogo, na escuta e no pertencimento.

Com isso em mente, na próxima seção, apresentamos os caminhos metodológicos que embasam esta pesquisa, detalhando o contexto de geração dos dados, o perfil da participante, os procedimentos analíticos adotados e os princípios éticos que orientaram nosso olhar para os discursos de Clara enquanto performances situadas.

### **Configurações metodológicas**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa interpretativista, ancorada nos pressupostos da Linguística Aplicada Crítica e da Prática Exploratória, uma vez que acreditamos serem paradigmas relacionados. Como linguistas aplicados e praticantes exploratórios, alinhamo-nos a esta perspectiva devido ao desejo de associar o ato de fazer pesquisa “às esperanças, às necessidades, aos objetivos e às promessas de uma sociedade democrática livre” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 17), o que significa que não pretendemos ditar o que é formação docente, o que é fazer pesquisa, tampouco como deve ser o cotidiano pedagógico de quem quer que seja. Dessa forma, compreendemos que, ao escrevermos este artigo, estamos em “um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 20).

Considerando a centralidade da linguagem na construção discursiva de Clara como professora-pesquisadora e pertencente a uma comunidade de professores comprometida com a reflexão, este trabalho se orienta por uma percepção que entende o discurso como performance. Nesse sentido, o discurso é compreendido como ação situada que produz e negocia significados em contextos interacionais específicos. Nos dados do presente artigo, a nossa participante negocia sentidos, construindo realidades dentro da comunidade de professores. Em nossas interações, a linguagem possibilita a circulação de saberes, a problematização de práticas e a formação contínua da docência. Assim, a performance discursiva de Clara como professora-pesquisadora se configura na forma em como ela articula suas experiências e conhecimentos, participando ativamente do diálogo reflexivo e colaborativo.

Os dados analisados neste artigo foram gerados no contexto da tese de doutorado da primeira autora, desenvolvida entre 2020 e 2023, a partir de conversas exploratórias realizadas com professoras participantes do Grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro, do qual a pesquisadora também faz parte. As interações ocorreram em encontros pelo Zoom<sup>11</sup>, entre janeiro-abril de 2021, e foram gravadas e transcritas conforme convenções da Análise da Conversação<sup>12</sup>. Este artigo se debruça sobre excertos da fala de Clara, professora de inglês com longa trajetória na educação, que participa do grupo há quase três décadas e permanece em atuação docente. Embora a idade exata da participante não seja explicitada, sua experiência e tempo de engajamento sugerem uma trajetória consolidada na área. Para esta pesquisa, optamos por utilizar um nome fictício.

O corpus desta investigação é composto por três excertos de falas de Clara, professora-pesquisadora vinculada ao Grupo de Prática Exploratória desde o início da formação do grupo. A escolha desses excertos baseou-se em critérios que dialogam com o objetivo deste artigo de compreender a constituição discursiva da professora-pesquisadora e seu pertencimento ético e afetivo ao grupo: (i) momentos em que emergiam reflexões explícitas sobre pertencimento, formação docente e princípios da Prática Exploratória; (ii) trechos em que a participante performava afetos e (iii) passagens cuja estrutura discursiva revelava usos performativos da linguagem.

Clara é professora de inglês, doutora em Estudos Linguísticos e sua pesquisa também versou sobre a Prática Exploratória. Atualmente, a participante mora e trabalha na Alemanha. Toda a interação com Clara foi construída por meio de conversas exploratórias, que acreditamos serem “processos dinamizadores de reflexão e de novos entendimentos sobre

<sup>11</sup> Plataforma usada para reuniões online, aulas virtuais e videoconferências.

<sup>12</sup> As convenções utilizadas baseiam-se nos estudos da Análise da Conversação (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974) e incorporam símbolos propostos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989).

as questões que perpassam a vida em sala de aula e em outros contextos” (Nunes, 2017, p. 50). Ao optarmos pelas conversas exploratórias, buscamos relações mais simétricas entre pesquisador e participantes, propiciando um momento de “busca por entendimentos de modo informal, ético, democrático, fluido, afetuoso, honesto, respeitoso, colaborativo e intencional acerca do contexto em que nós, participantes-praticantes, nos encontramos” (Dias et al, 2021, p. 27). Vindas da Prática Exploratória, consideramos as conversas exploratórias alinhadas aos pressupostos da LAC, uma vez que promovem uma postura reflexiva e colaborativa, favorecendo a construção conjunta de entendimentos sobre como os praticantes dão sentido a seus processos de ensino-aprendizagem.

Acreditamos que essas interações se fundamentam na ética e na inclusão, possibilitando a problematização de saberes e experiências, desafiando hierarquias tradicionais do conhecimento e valorizando a participação ativa dos envolvidos. Ao mencionarmos as questões éticas, ressaltamos que além da escolha por essa forma de geração de dados, nossos cuidados também se aplicam ao fazer analítico. Dizemos isso por duas razões: primeiro, porque todos os trechos analisados passaram pelo crivo da participante durante as pré-seleções do que seria usado em pesquisas discursivo-analíticas como essa. Segundo, porque primamos pela diversidade de trechos narrativos e buscamos lançar um olhar que contemple essa diversidade.

Durante a pesquisa da tese, a primeira autora deste manuscrito convidou Clara para ser uma das participantes por ela ser uma das professoras mais antigas do Grupo de Prática Exploratória. Além de ser muito enérgica, falante e alto-astral, Clara sempre se mostra muito engajada e criativa em relação às atividades do grupo. Muito participativa e reflexiva, nas reuniões do grupo, a professora frequentemente contribui com questionamentos que instigam discussões produtivas entre os colegas, enriquecendo o processo coletivo de busca de entendimentos nas práticas pedagógicas. Podemos dizer que a participante tem uma presença marcante nas reuniões da Prática Exploratória e uma postura aberta ao diálogo, compartilhando suas experiências pessoais e profissionais.

Ademais, cabe mencionar que os excertos aqui analisados não foram selecionados de forma continuativa, mas escolhidos por sua densidade reflexiva e por explicitarem sentidos construídos em torno do papel da Prática Exploratória na trajetória acadêmica e profissional da participante. A escolha por fragmentos não sequenciais está alinhada ao nosso interesse em compreender como Clara performa discursivamente seu pertencimento ao grupo e constrói significados no processo de tornar-se professora-pesquisadora, ressaltando momentos em que emergem afetos, posicionamentos e elaborações sobre a experiência formativa no coletivo. Esses trechos, portanto, não visam representar uma linearidade narrativa, mas evidenciar pontos de inflexão e deslocamentos significativos no dizer da participante sobre sua relação com a Prática Exploratória. Além disso, como os dados dizem

respeito a interações orais, optamos por manter nas transcrições os recursos paralinguísticos presentes nas falas da participante, por compreendermos que tais marcas contribuem significativamente para a construção de sentidos no discurso. A tabela com a descrição completa dessas convenções pode ser consultada nos anexos do artigo.

A partir disso, com foco em como Clara performa discursivamente sua trajetória na docência e na pesquisa, buscamos compreender como ela se reconhece como parte do grupo e como se constrói como professora-pesquisadora, alinhando os princípios da Prática Exploratória a sua vida e negociando os sentidos que emergem de sua participação nesta comunidade. Em vista disso, acreditamos que este artigo não apenas reflete sobre como Clara se posiciona enquanto professora-pesquisadora, mas como problematiza o potencial da Prática Exploratória como um espaço de formação contínua e sustentável. Nesse sentido, como já se sabe, a metodologia adotada dialoga com os princípios da Prática Exploratória e com os pressupostos da LAC, uma vez que ambas valorizam a investigação colaborativa e reflexiva sobre as experiências humanas.

Tendo em vista essas considerações metodológicas, passamos agora às análises, com o objetivo de compreender as dinâmicas discursivas e os significados que emergem da participação de Clara no grupo a partir da investigação crítica de nossas conversas exploratórias.

### **Análise de dados**

No excerto 1, Clara relata o processo de escrita de sua tese, na qual investigava o percurso de Maria, uma aluna da especialização, em seu processo de tornar-se pesquisadora. Enquanto Maria escrevia sua monografia, Clara desenvolvia sua tese, refletindo sobre a trajetória da participante. Assim, os movimentos de pesquisa de ambas aconteciam de forma entrelaçada, permitindo que Clara, ao observar o desenvolvimento de Maria, também se percebesse em processo de (trans)formação, não apenas como a pesquisadora gerando dados, mas como uma pesquisadora em formação. É importante mencionar que Clara era professora da especialização em que Maria estava cursando, e Bela, orientadora de Maria, já havia sido professora de Clara no Ensino Fundamental.

Excerto 1: “eu queria entender o processo de tornar-se pesquisador”

Clara	1	eu demorei muito a entender porque o que eu queria
	2	entender era <o processo de tornar-se pesquisador>
	3	e aí eu fiz a pesquisa com a Maria, que era uma
	4	aluna da especialização, que também estava fazendo
	5	a pesquisa dela em Prática Exploratória porque a
	6	orientadora dela era a Bela, quer dizer, tudo muito
	7	doido, tudo assim né↑ mas eu demorei muito a
	8	entender porque eu queria ver como ELA estava se
	9	tornando pesquisadora exploratória mas EU também
	10	estava me tornando porque EU <u>sempre</u> me considerei
	11	uma pessoa exploratória na vida, assim uma pessoa
	12	mais mais mais diferente com mais recur- a:: é
	13	difícil de caracterizar, mas eu sei que eu sou uma
	14	pessoa MAIS <u>excêntrica</u> em alguns momentos do que
	15	outras pessoas entendeu? mas nunca tinha sido
	16	pesquisadora exploratória ((bate uma palma)), eu
	17	nunca tinha feito pesquisa exploratória

Fonte: elaboração própria – dados gerados para a pesquisa de doutorado da primeira autora

Clara se apresenta inicialmente como alguém que demorou a entender o que significa “tornar-se pesquisador” (linhas 1–2), o que sugere uma tensão inicial entre o desejo de compreender a trajetória do outro e a dificuldade em se perceber nesse mesmo movimento de construção. No entanto, ela se engaja em uma pesquisa com uma aluna que também participa da Prática Exploratória e que tem Bela como sua orientadora, o que indica um movimento de pertencimento por meio da colaboração (linhas 3–6). Entre as linhas 7–10, compreendemos que há uma virada reflexiva quando Clara percebe que, ao observar a colega, também estava se tornando pesquisadora: “eu queria ver como ela estava se tornando pesquisadora exploratória mas eu também estava me tornando” (linhas 9–10). Consideramos que há uma duplicidade do olhar: o olhar para o outro e o retorno para si, que compreendemos como uma performance de processos de formação de pesquisadora. Para Butler (1997, p. 5), “algum ‘existe’ não apenas por ser reconhecida, mas também, em um primeiro momento por ser reconhecível”, que acontece pelo que dizemos.

Ao dizer que “demorou a entender [esse] processo” (linhas 7–10), Clara aponta que existe uma imagem social cristalizada do que é ser pesquisador, e que ela, em sua trajetória, não se via representada por essa imagem. Percebemos que a participante questiona, mesmo que implicitamente, as formas tradicionais e hegemônicas de fazer pesquisa e ser reconhecida como pesquisadora, questão que está no cerne das preocupações da LAC (Moita Lopes, 2006).

A sua vinculação ao Grupo da Prática Exploratória acontece, ainda no início da formação da comunidade, pelo vínculo com Bela, o que nos leva a perceber o caráter afetivo e relacional do pertencimento ao grupo. Nas linhas 6–7, quando ela classifica a situação como

“tudo muito doido”, entendemos que não há uma filiação circunstancial, mas, sim, vivida, construída na interação e na partilha de inquietações comuns. Clara enfatiza que nunca havia feito pesquisa exploratória (linha 17), mas já se via como uma pessoa “exploratória na vida” (linhas 10–11), sugerindo que o Grupo de Prática Exploratória acolhe pessoas com trajetórias diversas e permite que elas se reconheçam e se configurem como parte da comunidade a partir da prática e da reflexão colaborativa.

A partir disso, podemos compreender a Prática Exploratória como um lugar que legitima outros saberes, subjetividades e que valida formas não hegemônicas de ser e fazer pesquisa. A colaboração com outras participantes do grupo, Maria e Bela, mostra a sustentabilidade relacional da Prática Exploratória, um grupo em que se pode buscar entendimentos observando o outro, refletindo junto, construindo pertencimento afetivo e epistêmico (Souza, 2023). Este excerto nos permite vislumbrar o potencial sustentável da Prática Exploratória, entendido como uma ética do cuidado que se realiza nas relações, nos afetos e nos vínculos construídos ao longo do tempo (hooks, 2020; Boff, 2016; Freire, 2015). Ao relatar sua entrada na comunidade e os laços formados com Maria e Bela, a participante compartilha uma trajetória pessoal, construída pela convivência, pela escuta e pela abertura ao outro, elementos centrais da sustentabilidade na perspectiva do grupo. Além disso, ao afirmar que “sempre se considerou uma pessoa exploratória na vida” (linhas 10–11), mesmo antes de se vincular ao Grupo de Prática Exploratória, Clara reivindica o valor de uma postura ética e curiosa diante do mundo, que antecede o método e se sustenta nos princípios de nossa comunidade.

Nas linhas 10–11, “eu sempre me considerei uma pessoa exploratória na vida”, mesmo que “nunca tivesse feito pesquisa exploratória” (linha 17), Clara está reivindicando como legítimos os saberes que vêm da vida, da experiência, da curiosidade cotidiana, o que se alinha com o modo como enxergamos a formação docente crítica. Ela aproxima o fazer científico de modos de ser e sentir que geralmente são desvalorizados nas práticas acadêmicas tradicionais (Fabrício, 2006). Consideramos, portanto, que Clara entende a divisão entre saberes “válidos” e “subalternos” e a valorização dos conhecimentos locais, afetivos, relacionais. Nossa participante não apenas se reconhece, mas afirma seu pertencimento a um saber outro, o saber não hegemônico.

Clara se descobre pesquisadora na relação com Maria, com Bela, no grupo, na observação e na reflexão conjunta. Essa postura nos leva a compreender que o grupo tem como parte de seus valores uma formação docente e uma atitude investigativa de pesquisa que rompem com modelos individualistas e meritocráticos, abrindo espaço para saberes construídos na horizontalidade, na coautoria e no afeto, questões caras à LAC e à própria proposta da Prática Exploratória. Compreendemos que o discurso de Clara performa uma construção da docente-pesquisadora atenta a si e ao entorno, processo que não é neutro,

nem linear, nem isolado. Trata-se de uma trajetória atravessada pelos afetos e realizada no coletivo, afastada de relações de poder verticalizadas e de formas de exclusão, infelizmente ainda muito presentes nos processos de ser/tornar-se professor e de fazer pesquisa (Pennycook, 2006; Bohn, 2013).

**Excerto 2: “eu me sinto uma pessoa exploratória”**

Clara	1	eu ME <u>sinto</u> uma pessoa exploratória, então os
	2	princípios, eles fazem parte da minha vida no dia
	3	a DIA no dia a DIA <u>aqui</u> por exemplo que eu estou
	4	com tudo no:vo, volta e meia veem os princípios,
	5	as questões assim de inclusão:, de colaboração:,
	6	realmente é como a Bela fala, na minha tese [...]
	7	uma das perguntas era essa “o que é Prática
	8	Exploratória?” e a Bela falava assim “é uma
	9	filosofia de vida” então assim que eu vejo os
	10	princípios né↑ como uma forma de viver mesmo de
	11	interagIR com as pessoas, me deixa um pouco mais
	12	é:: ma:is aware da importância da colaboração:,
	13	de ver o que que o outro pensa, de criar
	14	oportunidades pro que o outro pensa, do que o outro
	15	está entendendo daquela situação, é isso os
	16	princípios↓

Fonte: elaboração própria – dados gerados para a pesquisa de doutorado da primeira autora

O excerto 2 não é continuação do primeiro. Este trecho foi retirado de um momento específico da conversa, em que estávamos discutindo a dúvida recorrente sobre se nós nos consideramos exploratórias ou não, questionamento muito comum entre os integrantes do grupo, especialmente os que estão começando. Neste excerto, Clara mobiliza uma série de recursos linguístico-discursivos para se construir como uma professora-pesquisadora imersa nos princípios da Prática Exploratória. Logo na primeira linha, o uso enfático de “eu ME sinto uma pessoa exploratória” já anuncia uma posição subjetiva fortemente alinhada à Prática Exploratória, em que o sentir-se define e sustenta a postura assumida. Essa fala não apenas comunica uma adesão, mas encena uma afetividade envolvida nesse pertencimento.

Ao longo do trecho, Clara performa esse pertencimento de modo interacional e situado: a repetição do termo “os princípios” (linhas 2, 4, 10, 16), a alternância entre o cotidiano “dia a DIA” (linhas 2–3) e o contexto acadêmico “na minha tese” (linha 6), bem como o uso de exemplos “aqui por exemplo” (linha 3), em que ela se refere a sua nova rotina na Alemanha, ancoram sua fala na vida real, como propõe a Prática Exploratória. As próprias escolhas lexicais de Clara evidenciam o hibridismo entre vida e pesquisa (Miller, 2012), com expressões como “inclusão” (linha 5), “colaboração” (5), ou seja, os princípios são vivenciados.

Neste excerto, Clara expressa um modo de ser e estar no mundo ancorado em valores como a inclusão, a colaboração e a escuta, princípios centrais da Prática Exploratória. Ao

dizer que os princípios fazem parte da sua vida “no dia a dia” (linhas 2–3), a participante nos chama atenção para a sustentabilidade desse agir na prática vivida e cotidiana. Não havendo uma divisão entre a vida lá fora e o que se aprende/ensina/pesquisa. Esses universos estão conectados e pressupõem, segundo a Prática Exploratória, entrelaçamentos autênticos e reflexivos entre nós e o entorno, bem como entre nós e os outros que constroem/performam esses cenários conosco. Dessa forma, compreendemos que a fala de Clara performa um tipo de formação docente sustentada na escuta, na metarreflexão e na convivência, valores do grupo enquanto proposta crítica, situada e ética. A sustentabilidade aqui está relacionada à capacidade de entender os princípios como ferramentas para viver e formar-se com o outro, de forma sensível e comprometida.

Observamos, com base em Butler (1997) e Melo e Rocha (2015), que Clara não apenas narra uma história, mas atua como professora-pesquisadora ao narrar. Sua linguagem age performativamente, como quando ela afirma que os princípios do grupo a fazem “interaGIR com as pessoas” (linhas 10–11), mostrando que a Prática Exploratória é vivida e atualizada em sua postura cotidiana. Além disso, Clara chama atenção para os sentidos do grupo ao dizer que vê os princípios como “uma forma de viver mesmo” (linha 10), apropriando-se da fala da Bela: “é uma filosofia de vida” (linhas 8–9), cuja menção entendemos como maneira de gerar autoridade, pois Bela é uma das coordenadoras do grupo. Isso mostra como a Prática Exploratória se torna, em sua performance discursiva, uma prática de existência e convivência. Nesse sentido, compreendemos que Clara se posiciona como alguém que não apenas participa da Prática Exploratória, mas que é constituída por ela.

Em termos de formação continuada, a fala também sugere uma consciência crítica e ética ao dizer que os princípios a deixam “mais aware<sup>13</sup> da importância da colaboração” (linha 12). A participante expressa, então, um movimento reflexivo de ampliação de consciência, coerente com as propostas (trans)formadoras da Prática Exploratória e da LAC. Ela também ressalta um modo de estar no mundo que é politicamente engajado com a escuta, a inclusão e o diálogo, termos-chave para entender as noções de formação docente e de prática investigativa pelas quais advogamos na escrita deste artigo. Compreendemos esse posicionamento alinhado a uma forma de reinventar “a vida em sala de aula e as formas de produzir conhecimento nela”, reconhecendo “a capacidade profissional do professor e dos alunos para produzir conhecimento a respeito de suas vivências — o ensino-aprendizagem” (Miller, 2012, p. 323). Para seguirmos com nossas análises e reflexões, concordamos com o pensamento da autora de que é necessário reconhecer “os professores [e os alunos] como aqueles capazes de teorizar sobre suas questões locais e situadas” (Miller, 2012, p. 323).

<sup>13</sup> Tradução: consciente.

Excerto 3: “qualidade de vida significa o teor, é o que dá conta da complexidade”

Clara	1	quando você falou de qualidade de vida, eu lembrei
	2	do meu budismo porque [...] qualidade de vida
	3	significa o <u>teor</u> , é o que dá conta da complexida::de
	4	do que acontece na sala de aula [...] é:: momentos
	5	<u>não</u> necessariamente é:: satisfatórios que né? e o
	6	budismo trabalha muito com <u>isso</u> porque é uma grande
	7	ilusão achar que é:: um budista só é feliz >não é
	8	isso< você <u>aprende</u> a lidar com a complexidade,
	9	quando você abre pelos princípios, quando a gente
	10	cria oportunidade <pros outros, pra tudo, pro
	11	coletivo> [...]a qualidade de vida não é um- não
	12	tem como- ela é tão complexa que ela não tem como
	13	ser boa pra todo mundo porque cada um é de um jeito
	14	e aí quando a gente entende isso, o espaço fica
	15	<u>maior</u> e aí levando de novo pro budismo, você não
	16	depende necessariamente de alguma coisa que é
	17	positiva pra <u>você</u> pra ter qualidade de vida porque
	18	pode estar sendo positivo pro outro e aí você também
	19	dá valor porque o outro naquele momento pode fazer
	20	alguma coisa que foi boa pra ele, <u>isso</u> que é a
	21	verdadeira inclusão, que é a verdadeira
	22	complexidade de tudo

Fonte: elaboração própria – dados gerados para a pesquisa de doutorado da primeira autora

Este excerto também não é continuação do anterior e foi retirado de uma parte da conversa em que discutíamos sobre como entendemos a qualidade de vida, conceito caro à Prática Exploratória (Gieve; Miller, 2006; Miller et al., 2008). Ao trazer essa reflexão, Clara menciona experiências pessoais e referências espirituais para coconstruir sentidos sobre o que significa, para ela, viver e ensinar com qualidade de vida — o que constrói uma postura investigativa, ética e afetiva.

Logo no início do excerto, ao dizer “eu lembrei do meu budismo porque [...] qualidade de vida significa o teor” (linhas 2–3), Clara estabelece uma relação direta e próxima entre o princípio da Prática Exploratória e sua experiência pessoal. Essa conexão mostra que o conceito de qualidade de vida não se reduz ao bem-estar objetivo, mas se relaciona com a capacidade de lidar com a complexidade da vida, ou do cotidiano escolar, com os afetos, com as frustrações e com os processos intersubjetivos que atravessam o trabalho docente. Isso fica mais evidente quando ela afirma que há momentos que não são “satisfatórios” (linha 5), mas ainda assim fazem parte do viver com qualidade. Ao refletir que “um budista só é feliz não é isso” (linhas 7–8), Clara performa uma recusa à ideia de felicidade como ausência de conflito ou plenitude constante. Ao contrário, ela associa qualidade de vida a uma postura de abertura e aprendizado diante do difícil — “você aprende a lidar com a complexidade” (linha 8). Essa perspectiva dialoga diretamente com a proposta da Prática Exploratória de buscar

entendimentos em vez de soluções, reconhecendo que a vida, a sala de aula e as relações humanas são intrinsecamente complexas e contraditórias (Miller *et al.*, 2008).

Este excerto de Clara performa a sustentabilidade da Prática Exploratória, por exemplo, ao articular vivências pessoais, espirituais e pedagógicas em um discurso que valoriza o cuidado, a complexidade e a convivência com o outro. Desde o início, a participante propõe um entendimento da qualidade de vida (Gieve; Miller, 2006), ao relacioná-la com o “teor” e a “complexidade” do que acontece na sala de aula (linhas 2–4), que se aproxima da noção de Prática Exploratória como uma prática que acolhe a vida em sua inteireza (hooks, 2021), com seus desafios e afetos. Além disso, ao dizer que a qualidade de vida “não tem como ser boa pra todo mundo” (linha 13), a participante reconhece as diferenças e a alteridade como constitutivas da formação e da convivência. Essa afirmação reforça a sustentabilidade do grupo enquanto ética da pluralidade e da escuta, um espaço onde se sustenta a vida com o outro e não apesar do outro. Ao valorizar que o “outro naquele momento pode fazer alguma coisa que foi boa pra ele” (linha 19), a professora comprehende que a formação sustentável não é individual, mas tecida na relação, no respeito e na valorização dos sentidos atribuídos pelos envolvidos como prática afetiva e crítica.

Observamos que a linguagem performativa é visível no uso dos verbos “aprende” (linha 8), “abre” (linha 9), “cria” (linha 10), que apontam para um agir discursivo situado: Clara faz com que o pertencimento aconteça no dizer. E nesse dizer, percebemos que a abertura “pelos princípios” (linha 9) é o gesto linguístico que produz o coletivo, o espaço comum “pros outros, pra tudo, pro coletivo” (linhas 10–11), e reposiciona a qualidade de vida como algo que depende da valorização da diversidade e da escuta: “é tão complexa que ela não tem como ser boa pra todo mundo porque cada um é de um jeito” (linhas 13–21). Compreendemos que este discurso articula também uma crítica à busca por fórmulas prontas de bem-estar, ao mencionar que a qualidade de vida “não depende necessariamente de alguma coisa que é positiva pra você” (linhas 15–17).

Percebemos que Clara problematiza noções essencializadas de qualidade de vida, deslocando a ideia de algo positivo, universal e mensurável para um entendimento relacional, afetivo e situado. Ao dizer que “a qualidade de vida não é uma... não tem como” (linhas 11–12), a participante aponta para a impossibilidade de se construir uma definição única ou objetiva, “porque cada um é de um jeito” (linha 13). Nesse sentido, o discurso de Clara desnaturaliza o conceito, desafiando possíveis apropriações normativas e propondo uma leitura mais ética, inclusiva e contextualizada. Além disso, consideramos que sua performance discursiva constrói a ideia de que a qualidade de vida é sustentada na escuta do outro, no reconhecimento da diversidade e na valorização do coletivo: “você também dá valor porque o outro naquele momento pode fazer alguma coisa que foi boa pra ele” (linhas 18–20).

Destacamos que a fala de Clara se alinha à perspectiva da LAC, na medida em que se propõe a observar criticamente um dado contexto investigativo sem apagar a fluidez e as intersubjetividades inerentes à vida em sociedade. A praticante desnaturaliza a ideia de inclusão como adaptação ou aceitação simples e a coloca como ação consciente diante da pluralidade. Por fim, entendemos que Clara salienta a indissociabilidade entre qualidade de vida, inclusão e complexidade: “é a verdadeira complexidade de tudo” (linha 22), destacando uma tríade que sustenta tanto a Prática Exploratória quanto os compromissos éticos da LAC. Seu discurso reflete sobre como a construção de si como professora-pesquisadora-exploratória se dá por meio da ressignificação dos princípios do grupo, com base nas próprias experiências de vida, valores, crenças e práticas, o que reafirma o caráter performativo da linguagem na constituição de sujeitos.

Sendo assim, a seguir, apresentamos nossas considerações parciais, com base nas análises realizadas até aqui, buscando sistematizar alguns dos principais movimentos discursivos de pertencimento performados por Clara em sua trajetória no grupo.

### **Considerações parciais**

Dados os objetivos deste artigo, através das análises feitas, tivemos a oportunidade de refletir sobre como Clara se constrói discursivamente enquanto professora-pesquisadora e participante ativa do Grupo de Prática Exploratória, negociando sentidos situados, afetivos e ético-políticos sobre sua trajetória e sua formação contínua. Conforme testemunhamos, ao narrar suas experiências, ela não apenas compartilha vivências individuais, mas também performa um pertencimento relacional e colaborativo, alinhado aos pressupostos do grupo e aos fundamentos da LAC. Observamos que, ao ponderar sobre os princípios da Prática Exploratória e sobre o conceito de qualidade de vida, Clara problematiza noções cristalizadas, propõe deslocamentos discursivos e reinscreve sentidos a partir de suas referências pessoais e profissionais. Nesse processo, ela torna visível uma postura investigativa agentiva e sensível diante da complexidade do fazer-se e do desenvolver-se docente, enfatizando como a formação do professor-pesquisador é construída em práticas linguístico-performativas que articulam afetos, saberes e relações interpessoais horizontais.

Com relação ao potencial da Prática Exploratória como um caminho sustentável para a formação docente contínua, identificamos na fala de Clara — assim como também vivenciamos em nossa longa estrada como membros do grupo — um modo de viver pautado no ato de conceber professores e alunos como autênticos produtores de conhecimento, como indivíduos capazes de buscar e gerar entendimentos locais e úteis à luz de seus próprios atravessamentos advindos do dia a dia, deixando nítida uma condição chave na contemporaneidade: a colaboração (Miller, 2013). Por sua vez, vale a pena reforçarmos que esse conceito de sustentabilidade próprio da Prática Exploratória não foi concebido por nós

durante a pesquisa alheio à esfera do cuidado, no sentido de estarmos atentos a todo momento às relações que estabelecemos conosco, com o outro e com o entorno, fazendo valer o pensamento de Boff (2016, p. 16) de que “todos dependemos de todos, que laços nos ligam por todos os lados, que ninguém é uma estrela solitária e que no universo tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e circunstâncias”. Sendo assim, ao observarmos criticamente as experiências de Clara, entendemos que suas práticas docentes e de pesquisa, juntas, incitam um fazer sustentável (igualmente alinhado aos princípios da LAC), pois ela se construiu com base em gestos (auto)questionadores, amorosos, acolhedores, respeitadores, visto que “quem cuida não se coloca sobre o outro, dominando-o, mas junto dele, convivendo, dando-lhe conforto e [um senso de agentividade]” (Boff, 2016, p. 101).

Acreditamos que as conexões construídas entre a LAC e a Prática Exploratória, bem como as reflexões feitas em todo o texto, só foram possíveis porque foram forjadas na e pela alteridade, na atitude indisciplinar de borrar a dicotomia pesquisador e participante, na consideração da existência de múltiplos modos de ser e estar no amplo campo da Educação e na legitimação do discurso como performance em seu potencial antiessencialista. Com isso, queremos dizer que o professor-pesquisador — sobretudo no Grupo de Prática Exploratória, sustentável que é — tem a possibilidade (e a responsabilidade) de projetar visibilidade sobre maneiras plurais e horizontais de agir e de estabelecer alianças com seus pares.

Por respeitarmos os atravessamentos de cada profissional em contínua (trans)formação, entendemos esse apelo como algo processual, pois nos recusamos a olhar para nossos contextos de pesquisa e de atuação pedagógica como se fossem arenas lineares ou mesmo espaços reduzíveis a generalizações e a concepções externas aos que ali (con)vivem. Dessa forma, defendemos um senso de pertencimento ao grupo da Prática Exploratória — ou a qualquer outro grupo igualmente interessado em construir relações humanas justas e igualitárias — em que, como nos ensina Miller (2013, p. 103), “o cuidado, o respeito, a inclusão, a responsabilidade e a metarreflexão [sejam posturas inegociáveis]”.

## **Referências**

- ALLWRIGHT, D. Exploratory Practice: rethinking practitioner research in language teaching. *Language Teaching Research*, London, v. 7, n. 2, p. 113–142, 2003.
- ALLWRIGHT, D. Developing Principles for Practitioner Research: The Case of Exploratory Practice. *The Modern Language Journal*, v. 89, p. 353–366, 2005.
- ALVES, L. A. “**A gente continua merecendo respeito por fazer pole dance**”: uma análise discursiva de estigmas e identidades em narrativas de mulheres *pole dancers*. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

BOFF, L. **Sustentabilidade**: o que é – O que não é. 5. ed. Revista e ampliada. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

BOHN, H. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente: Festchrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 79–98.

BUTLER, J. **Excitable speech**: a politics of the performative. Nova Iorque: Routledge, 1997.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; Lincoln, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15–42.

DERRIDA, J. “Assinatura, Acontecimento, Contexto”. In: DERRIDA, J. **Limited Inc**. Trad. C. M. Cesar. Campinas: Papirus, 1991. p. 11–37.

DIAS, A.; MACIEL, B.; NUNES, D.; VIANA, T.; SILVA, T.; CÔRTES, T. Prática Exploratória em contextos de pesquisas acadêmicas: contribuições ético-metodológicas em investigações recentes. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS. **Anais**. Uberlândia: UFU, 2021. p. 21–37.

EWALD, C. X. “**Eu não tô só participando. Tô usufruindo também.**”: Prática Exploratória na formação do professor pesquisador. 2015. 326 f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagens: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45–66.

FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. Apresentação – sobre ruínas e reconstruções. In: FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. (org.). **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar**: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes. Campinas: Editora da Unicamp, 2023. p. 11–16.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIEVE, S.; MILLER, I. K. What do we mean by “quality of classroom life”? In: GIEVE, S.; MILLER, I. K. (ed.). **Understanding the language classroom**. London: Palgrave Macmillan, 2006. p. 18–46.

GRUPO DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA. **Por que trabalhar para entender a vida na sala de aula?**: histórias do Grupo da Prática Exploratória. Rio de Janeiro, 2020.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2021.

LEWIS, E. S. **Acho que isso foi bastante macho pra ela**: reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de *pegging*. 2016. 267 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARTINS, M. A. S. **Quem somos nós e quem sou eu**: uma análise discursiva e autoetnográfica das construções de identidades e de (não) pertencimentos em narrativas de experiências migratórias. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MELO, G. C. V.; ROCHA, L. L. Linguagem como performance: discursos que também ferem. In: Rodrigues, M.G; Melo, G.C.V; Rodella, V.L.A; Câmara, N.S; Manzano, L.C.G. (org.). **Discurso**: sentidos e ação. 10. ed. Franca: Unifran, 2015. p. 101–120.

MELO, G. C. V.; JUNIOR, P. M. S.; MARQUES, A. A. S. Discursos sobre raça: quando as teorias queer nos ajudam a interrogar a norma. **L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 21, p. 410–434, 2021.

MILLER, I. K., BARRETO, B. C.; NÓBREGA, A.; SETTE, M. L. Prática Exploratória: questões e desafios. In: GIL, G.; VIEIRA ABRAHÃO, M. H. (org.). **Educação de professores de línguas**: os desafios do formador. Campinas: Editora Pontes, 2008. p. 145–165.

MILLER, I. K. A Prática Exploratória na educação continuada de professores de línguas: inserções acadêmicas e teorizações híbridas. In: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (org.). **A formação de professores de línguas**: novos olhares – Volume II. São Paulo: Pontes Editores, 2012. p. 319–342.

MILLER, I. K. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPEZ, L. P. (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 99–122.

MOITA LOPEZ, L. P. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPEZ, L. P. Introdução: uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPEZ, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13–44.

MOITA LOPEZ, L. P. Da aplicação da linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (org.). **Linguística aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

MORAES BEZERRA, I. C. R.; MILLER, I. K. Professores de inglês envolvidos na socioconstrução discursiva de seus entendimentos: o espaço da Prática Exploratória. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.). **Anais do VI Seminário de Línguas Estrangeiras – UFG**. Goiânia: Faculdade de Letras da UFG, 2006. p. 258–268.

MOURA, S. M. L. **Aprendizados na tarefa de orientar**: ativistas pela não-violência trabalhando para entender identidades no Movimento Humanista. 2007. 223 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NUNES, D. F. C. **Experiências de ontem na construção de quem somos hoje**: Prática Exploratória como fundamento sustentável no ensino e na pesquisa. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PASSOS, A. L. **Adoção inter-racial de crianças mais velhas e de adolescentes:** reflexões sobre a construção de emoções em narrativas de pais brancos acerca do racismo. 2024. 223 f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67–84.

PENNYCOOK, A. Linguística Aplicada Indisciplinar como amálgama epistêmico. In: FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. (org.). **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2023. p. 47–78.

SOUZA, E. S. F. **O grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro como espaço de formação continuada:** sustentabilidades de participação. 2023. 312 f. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

<b>Convenções de transcrição ...</b>	
.	pausa não medida
?	entonação descendente ou final de elocução
,	entonação ascendente
-	entonação de continuidade
=	parada súbita
sublinhado	elocuções contíguas, enunciadas sem pausa entre elas
MAIÚSCULA	ênfase
ºpalavraº	fala em voz alta ou muita ênfase
>palavra<	fala em voz baixa
<palavra>	fala mais rápida
: ou ::	fala mais lenta
[	alongamentos
]	início de sobreposição de falas
( )	final de sobreposição de falas
(( ))	fala não compreendida
"palavra"	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
hh	fala relatada, reconstrução de diálogo
↑	aspiração ou riso
↓	subida de entonação
	descida de entonação

## Sobre os autores

*Emanuelle de Souza Fonseca Souza*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0196-2709>

Doutora em Estudos Linguísticos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora de Língua Inglesa na Secretaria Municipal de Educação de Maricá-PR. Pós-doutoranda na PUC-Rio e graduanda em Psicologia.

*Renan Silva da Piedade*

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4732-483X>

Doutor e mestre em Letras/Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor do Departamento de Letras e Artes da Cena e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Recebido em abr. 2025.

Aprovado em nov. 2025.